

DÍVIDA

Externa

20 JUN 1990

Eximbank anuncia corte de crédito, mas BC nega

Agência americana alega não-pagamento de parcela de US\$ 57 mil vencida em fevereiro

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — O Eximbank dos Estados Unidos não aprova novos pedidos de empréstimo para o setor privado brasileiro desde abril, à espera de esclarecimentos das autoridades brasileiras sobre os critérios usados nos pagamentos de seus compromissos com a instituição. Tecnicamente, porém, a agência americana de crédito à exportação, que suspendeu suas operações para o setor público no final do ano passado, ainda está aberta para o País. Mas continua a receber e a processar preliminarmente novas solicitações de crédito para o setor privado, o que não ocorre com o setor público.

O diretor da Área Externa do Banco Central, Antônio Cláudio Sochaczewski, desmentiu ontem, em Brasília que o Eximbank tenha cortado seus créditos para as empresas norte-americanas exportarem ao Brasil. "Seria um gesto extremamente desleigante o governo americano comunicar essa tipo de decisão através dos jornais", disse Sochaczewski. Segundo ele, o governo brasileiro não rece-

beu nenhum comunicado oficial sobre a suspensão dos créditos.

O pretexto usado pelo Eximbank para sustar a aprovação de novos créditos para o setor privado foi o não-pagamento de uma prestação final de US\$ 57 mil de um empréstimo garantido pela agência oficial, conforme relatado ontem pela **Gazeta Mercantil**. O pagamento venceu em fevereiro, nos últimos dias do governo Sarney, e foi pontualmente efetuado pelo importador brasileiro no Banco Central. Mas os dólares não foram transferidos para o credor nos EUA. Depois de esperar algumas semanas pelo pagamento, pediu para o Eximbank honrar a garantia, o que ainda não aconteceu. A agência não revela o nome da empresa brasileira nem do banco americano envolvidos. Sochaczewski disse que o BC ainda não conseguiu localizar esse "furo" de US\$ 57 mil em suas contas. O Eximbank passou a pedir uma explicação ao Banco Central e, não obtendo nenhum esclarecimento do BC, que àquela altura estava totalmente absorvido pelo Plano Collor, suspendeu a aprovação de novos empréstimos para o setor privado.

John Lentz, o funcionário do Eximbank que cuida dos empréstimos para o Brasil, disse que o Banco Central está processando normalmente os pagamentos dos demais créditos ao

setor privado (muitos dos quais de milhões de dólares), que representam cerca de 15% do total de US\$ 3,1 bilhões de empréstimos da agência americana ao Brasil.

A decisão do Eximbank demonstra a frustração da instituição com a forma como vem sendo tratada pelo novo governo. Indica também que a disposição positiva da administração Bush em relação ao governo Collor é relativa e tem limites de ordem prática. Segundo fontes do Eximbank, a frustração com o novo governo deriva da decisão unilateral de Brasília de pagar apenas uma parte de suas obrigações correntes (do setor público) com a instituição, sem explicar o critério usado para escolher quais os empréstimos a serem pagos.

As deficiências de pagamentos que mais preocupam o Eximbank são as dos empréstimos ao setor público. Especificamente, o País ainda não saldou um débito de US\$ 206 milhões relativo à renegociação concluída com os credores oficiais em 1987. Na véspera da posse do presidente Fernando Collor, os dois países firmaram um acordo bilateral relativo àquela negociação, mas o pagamento não foi efetuado até hoje. Além disso, continua no ar o acordo bilateral do acordo celebrado com o Clube de Paris em 1988. A conta, neste caso, excede US\$ 400 milhões.